

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO V

FEVEREIRO DE 1862

Nº 2

Votos de Boas-Festas

Várias centenas de cartas nos foram dirigidas por ocasião do Ano-Novo, de sorte que nos é materialmente impossível responder a cada uma em particular. Rogamos, pois, aos nossos honrados correspondentes aceitarem aqui a expressão da nossa sincera gratidão pelos testemunhos de simpatia com que nos prodigalizaram. Entre elas, contudo, uma há que, por sua natureza, exige uma resposta especial: é a dos espíritas de Lyon, subscrita por cerca de duzentas assinaturas. Aproveitamos a oportunidade para acrescentar, a seu pedido, alguns conselhos gerais. A Sociedade Espírita de Paris, à qual já demos conhecimento, julgando que podia ser útil a todos, não só nos solicitou a publicá-la na *Revista*, como decidiu pela sua impressão separada, a fim de ser distribuída a todos os seus sócios. Todos os que tiveram a gentileza de nos escrever, por certo participarão dos sentimentos de reciprocidade que aí exprimimos e que se dirigem, sem exceção, a todos os espíritas, franceses e estrangeiros, que nos honram com o título de seu chefe e de seu guia na nova estrada que se lhes descortina. Não é, pois, somente aos que nos escreveram por ocasião do Ano-Novo que nos estamos dirigindo, mas a todos os que, a cada instante, nos dão provas tão comoventes de seu reconhecimento pela felicidade

e pelas consolações que haurem na doutrina, cientes que estão das nossas dificuldades e dos esforços empregados com vistas a favorecer a sua propagação; a todos, enfim, que acreditam sirvam os nossos trabalhos para alguma coisa na marcha progressiva do Espiritismo.

**RESPOSTA DIRIGIDA AOS ESPÍRITAS LIONESES
POR OCASIÃO DO ANO-NOVO**

Meus caros irmãos e amigos de Lyon,

A mensagem coletiva que houvestes por bem me enviar pela passagem do Ano-Novo causou-me viva satisfação, provando que conservastes de mim uma boa recordação. Mas o que mais me alegrou nesse ato espontâneo foi ter encontrado, entre as numerosas assinaturas que ali figuram, representantes de quase todos os grupos, porque é um sinal da harmonia que deve reinar entre eles. Sinto-me feliz por terdes compreendido perfeitamente o objetivo dessa organização, cujos resultados já podeis apreciar, porquanto agora vos deve ser evidente que uma sociedade única teria sido quase impossível.

Agradeço-vos, meus bons amigos, os votos que formulais; eles me são tanto mais agradáveis quanto sei que partem do coração, e são estes que Deus ouve. Ficai satisfeitos, porque ele os acolhe diariamente, dando-me a alegria inaudita no estabelecimento de uma nova doutrina, de ver aquela a que me devotei crescer e prosperar, em meus dias, com extraordinária rapidez. Considero como um grande favor do céu poder testemunhar o bem que ela já fez. Essa certeza, da qual diariamente recebo os mais tocantes testemunhos, paga-me com juro todas as penas e fadigas. Não peço a Deus senão uma graça: a de me dar força física suficiente para ir até o fim de minha tarefa, que está longe de terminar. Mas, haja o que houver, terei sempre a consolação da certeza de que a semente das idéias novas, agora espalhadas por toda parte, é imperecível. Mais feliz que muitos

outros, que não trabalharam senão para o futuro, a mim já é dado ver os primeiros frutos. Só lamento que a exigüidade de meus recursos pessoais não me tenha permitido pôr em execução os planos que tracei, a fim de que o avanço ocorresse de maneira ainda mais rápida. No entanto, se em sua sabedoria Deus o quis de outro modo, legarei esses planos aos meus sucessores que, sem dúvida, haverão de ser mais felizes. Apesar da penúria de recursos materiais, o movimento que se opera na opinião pública ultrapassou toda a expectativa. Crede, meus irmãos, que nisto o vosso exemplo teve influência. Recebei, pois, nossos cumprimentos pela maneira por que sabeis compreender e praticar a doutrina. Sei o quanto são grandes as provas que muitos de vós tendes de suportar; só Deus lhes conhece o termo neste mundo. Mas, também, quanta força contra a adversidade nos dá a fé no futuro! Oh! lastimai os que acreditam no nada após a morte, porquanto, para eles, o mal presente não tem compensação. O incrédulo infeliz é como o doente que não espera nenhuma cura; o espírita, ao contrário, é aquele que, doente hoje, sabe que amanhã estará bem.

Pedis que continue com os meus conselhos. Eu os dou com muito gosto aos que crêem necessitar deles e os reclamam. Mas só a esses. Aos que julgam muito saber e sentem-se dispensados das lições da experiência, nada direi; apenas desejo que um dia não se lamentem por haverem sobreestimado as próprias forças. Tal pretensão, aliás, acusa um sentimento de orgulho, contrário ao verdadeiro espírito do Espiritismo. Ora, pecando pela base, só por isto provam que se afastam da verdade. Não sois desse número, meus amigos; aproveito, pois, a circunstância para vos dirigir algumas palavras, a fim de provar que, de longe como de perto, sou todo vosso.

No ponto em que hoje as coisas se acham, e levando-se em conta a marcha do Espiritismo através dos obstáculos semeados em seu caminho, pode-se dizer que as principais dificuldades estão vencidas. Ele tomou o seu lugar e assentou-se

em bases que doravante desafiam os esforços de seus adversários. Pergunta-se como pode ter adversários uma doutrina que nos torna felizes e melhores. Isto é muito natural. Nos seus primórdios, o estabelecimento das melhores coisas sempre fere interesses. Não tem sido assim com todas as invenções e descobertas que revolucionaram a indústria? Não tiveram inimigos obstinados as que hoje são consideradas como benefícios e das quais não poderíamos nos privar? Toda lei que reprime abusos não tem contra si os que vivem do abuso? Como querieis que uma doutrina, que conduz ao reino da caridade efetiva, não fosse combatida pelos que vivem do egoísmo? E sabeis o quanto são estes numerosos na Terra. No princípio esperavam matá-lo pela zombaria; hoje vêem que tal arma é impotente e, sob o fogo cerrado dos sarcasmos, ele continuou sua rota sem se deter. Não pensem que se confessarão vencidos. Não; o interesse material é mais tenaz. Reconhecendo que é uma potência, com a qual agora é preciso contar, vão desferir ataques mais sérios, mas que só servirão para melhor provar a fraqueza deles. Uns o atacarão abertamente, em palavras e em ações, e o perseguirão até na pessoa de seus aderentes, tentando desencorajá-los a força de intrigas, enquanto outros, subrepticamente, por vias indiretas, procurarão miná-lo secretamente. Ficai avisados de que a luta não terminou. Estou prevenido de que tentarão um supremo esforço; mas não temais: a garantia do sucesso está nesta divisa, que é a de todos os verdadeiros espíritas: *Fora da caridade não há salvação*. Empunhai-a bem alto, porque ela é a cabeça de medusa para os egoístas.

A tática já posta em ação pelos inimigos dos espíritas, mas que vai ser empregada com novo ardor, é a de tentar dividi-los, criando sistemas divergentes e suscitando entre eles a desconfiança e a inveja. Não vos deixeis cair na armadilha e tende como certo que aquele que procura, seja por que meio for, romper a boa harmonia, não pode estar animado de boas intenções. Eis por que vos exorto a guardar a maior prudência na formação dos vossos

grupos, não só para a vossa tranqüilidade, mas no próprio interesse dos vossos trabalhos.

A natureza dos trabalhos espíritas exige calma e recolhimento. Ora, não há recolhimento possível se somos distraídos pelas discussões e pela expressão de sentimentos malévolos. Se houver fraternidade não haverá sentimentos de malquerença; mas não pode haver fraternidade com egoístas, com ambiciosos e orgulhosos. Com orgulhosos, que se escandalizam e se melindram por tudo; com ambiciosos, que se decepcionam quando não têm a supremacia, e com egoístas que só pensam em si mesmos, a cizânia não tardará a ser introduzida e, com ela, a dissolução. É o que gostariam os inimigos e é o que tentarão fazer. Se um grupo quiser estar em condições de ordem, de tranqüilidade, de estabilidade, faz-se mister que nele reine um sentimento fraternal. Todo grupo que se formar sem ter por base a caridade *efetiva*, não terá vitalidade, ao passo que os que se fundarem segundo o verdadeiro espírito da doutrina olhar-se-ão como membros de uma mesma família que, embora não podendo viver sob o mesmo teto, moram em lugares diversos. Entre eles a rivalidade seria uma insensatez; não poderia existir onde reina a verdadeira caridade, porquanto esta não pode ser entendida de duas maneiras. Assim, reconheceréis o verdadeiro espírito pela prática da caridade em pensamentos, palavras e ações; e vos digo que aquele que em sua alma nutrir sentimentos de animosidade, de rancor, de ódio, de inveja ou de ciúme, mente a si mesmo se aspira a compreender e a praticar o Espiritismo.

O egoísmo e o orgulho matam as sociedades particulares, como destroem os povos e a sociedade em geral. Lede a História e vereis que os povos sucumbem sob a opressão desses dois mortais inimigos da felicidade dos homens. Quando se apoiarem nas bases da caridade, serão indissolúveis, porque estarão em paz entre si e com eles próprios, cada um respeitando os direitos e os bens dos vizinhos. Eis a era nova predita, da qual o

Espiritismo é o precursor, e para a qual todo espírita deve trabalhar, cada um em sua esfera de atividade. É uma tarefa que lhes compete e da qual serão recompensados conforme a maneira por que a tenham realizado, pois Deus saberá distinguir os que, no Espiritismo, não buscaram senão a sua satisfação pessoal, daqueles que ao mesmo tempo trabalharam pela felicidade de seus irmãos.

Devo ainda vos chamar a atenção para outra tática de nossos adversários: a de procurar comprometer os espíritas, induzindo-os a se afastarem do verdadeiro objetivo da doutrina, que é o da moral, para abordarem questões que não são de sua competência e que poderiam, com toda razão, despertar susceptibilidades e desconfianças. Também não vos deixeis cair nessa armadilha; afastai cuidadosamente de vossas reuniões tudo quanto disser respeito à política e às questões irritantes; nesse caso, as discussões não levarão a nada e apenas suscitarão embaraços, enquanto ninguém questionará a moral, quando ela for boa. Procurai, no Espiritismo, aquilo que vos pode melhorar; eis o essencial. Quando os homens forem melhores, as reformas sociais verdadeiramente úteis serão uma conseqüência natural. Trabalhando pelo progresso moral, assentareis os verdadeiros e mais sólidos fundamentos de todas as melhoras, deixando a Deus o cuidado de fazer que as coisas cheguem no devido tempo. No próprio interesse do Espiritismo, que ainda é jovem, mas que amadurece depressa, deveis opor uma firmeza inabalável aos que buscarem vos arrastar por um caminho perigoso.

Visando a desacreditar o Espiritismo, pretendem alguns que ele vai destruir a religião. Sabeis que é exatamente o contrário, pois a maioria de vós, que mal acreditáveis em Deus e na alma, agora crêem; quem não sabia o que era orar, ora com fervor; quem não mais punha os pés nas igrejas, a elas vão com recolhimento. Aliás, se a religião devesse ser destruída pelo Espiritismo, é que ela seria destrutível e o Espiritismo mais poderoso. Afirmá-lo seria falta de habilidade, porquanto seria confessar a fraqueza de uma e

a força do outro. O Espiritismo é uma doutrina moral que fortalece os sentimentos religiosos em geral e se aplica a todas as religiões; é de todas, e não pertence a nenhuma em particular. Por isso não aconselha a ninguém que mude de religião. Deixa a cada um a liberdade de adorar Deus à sua maneira e de observar as práticas ditadas pela sua consciência, pois Deus leva mais em conta a intenção que o fato. Ide, pois, cada um, ao templo do vosso culto, e assim provareis que vos caluniam, quando vos acusarem de impiedade.

Na impossibilidade material em que me acho de manter relações com todos os grupos, pedi a um de vossos confrades que me representasse especialmente em Lyon, como o fiz alhures: é o Sr. Villon, cujo zelo e devotamento conheceis tão bem quanto a pureza de seus sentimentos. Além disso, sua posição independente lhe dá mais folga para a tarefa de que se quer encarregar; tarefa pesada, mas ante a qual não recuará. O grupo por ele formado em sua casa o foi sob os meus auspícios e conforme minhas instruções, quando de minha última viagem. Ali encontrareis excelentes conselhos e salutares exemplos. Verei com viva satisfação todos os que me honram com a sua confiança a ele se ligarem, como a um centro comum. Se alguns quiserem fazer um grupo à parte, evitai olhá-los com aversão; e, se vos atirarem pedras, não as recolhai, nem as devolvais: entre eles e vós Deus será o juiz dos sentimentos de cada um. Que aqueles que se julgam os únicos certos o provem por maior caridade e maior abnegação, porquanto a caridade não poderia estar do lado daquele que não cumpre o primeiro preceito da doutrina. Se estiverdes em dúvida, fazei sempre o bem: os erros do espírito sempre pesam menos na balança de Deus que os erros do coração.

Repetirei aqui o que já disse em outras oportunidades: em caso de divergência de opinião, o meio fácil de sair da incerteza é ver qual a opinião que reúne o maior número de partidários, pois há nas massas um bom-senso inato que não se deixa enganar. O

erro só seduz alguns espíritos enceguecidos pelo amor-próprio e por um falso julgamento, mas a verdade acaba sempre vitoriosa. Tende certeza de que o erro deserta das fileiras que se esclarecem, e que há uma obstinação irracional em crer que um só tenha razão contra todos. Se os princípios que professo só encontrassem alguns ecos isolados e fossem repelidos pela opinião geral, eu seria o primeiro a reconhecer que me havia enganado. Mas vendo crescer incessantemente o número dos aderentes, em todas as classes da sociedade e em todos os países do mundo, devo acreditar na solidez das bases sobre as quais repousam. Eis por que vos digo com toda a segurança: marchai firmemente na via que vos é traçada; dizei aos vossos antagonistas que, se quiserem que os sigais, que vos ofereçam uma doutrina mais consoladora, mais clara, mais inteligível, que melhor satisfaça à razão e que, ao mesmo tempo, seja uma garantia para a ordem social. Pela vossa união, frustrareis os cálculos dos que vos quisessem dividir. Provai, enfim, pelo vosso exemplo, que a doutrina nos torna mais moderados, mais brandos, mais pacientes e mais indulgentes. Esta é a melhor resposta a ser dada aos detratores, ao mesmo tempo que a vista dos resultados benéficos é o mais poderoso meio de propaganda.

Eis, meus amigos, os conselhos que vos dou e aos quais acrescento os meus votos de Boas-Festas para o ano que começa. Não sei que provas Deus nos destina este ano, mas sei que, sejam quais forem, as suportarei com firmeza e resignação, pois sabeis, para vós, como para o soldado, que a recompensa é proporcional à coragem.

Quanto ao Espiritismo, pelo qual mais vos interessais que por vós mesmos, e cujo progresso, pela minha posição, posso julgar melhor que ninguém, sinto-me feliz em vos dizer que o ano se inicia sob os mais favoráveis auspícios e, sem dúvida, verá crescer o número de adeptos numa proporção impossível de ser prevista. Mais alguns anos como estes que se passaram e o Espiritismo terá arrebanhado três quartas partes da população.

Deixai que vos cite um fato entre milhares.

Num Departamento vizinho de Paris existe uma pequena cidade onde o Espiritismo penetrou apenas há seis meses. Em poucas semanas tomou um desenvolvimento considerável; uma oposição formidável foi logo organizada contra os seus partidários, ameaçando até mesmo os seus interesses privados. Eles enfrentaram tudo com uma coragem e um desinteresse dignos dos maiores elogios; entregaram-se à Providência e a Providência não lhes faltou. Essa cidade conta uma população operária numerosa, em cujo meio as idéias espíritas, graças à oposição que fizeram, manifestam-se rapidamente. Ora, um fato digno de nota é que as mulheres e as jovens, em vez de aguardarem os habituais presentes do Ano-Novo, preferiram adquirir as obras necessárias à sua instrução, de modo que, só para essa cidade, encarregou-se um livreiro de as expedir às centenas. Não é prodigioso ver simples operários reservarem suas economias para comprar livros de moral e de filosofia, em lugar de romances e bugigangas? homens preferindo esta leitura às alegrias ruidosas e degradantes dos cabarés? Ah! é que aqueles homens e aquelas mulheres, sofredores como vós, agora compreendem que não é aqui que se realiza a sua sorte; ergue-se a cortina e eles entrevêm os esplêndidos horizontes do futuro. Esta cidadezinha é Chauny, no Departamento do Aisne. Novos filhos na grande família, eles vos saúdam, companheiros de Lyon, como seus irmãos mais velhos, formando, desde agora, um dos elos da cadeia espiritual que já une Paris, Lyon, Metz, Sens, Bordeaux e outras, e que em breve ligará todas as cidades do mundo num sentimento de mútua confraternidade; porque em toda parte o Espiritismo lançou sementes fecundas e seus filhos se dão as mãos por cima das barreiras dos preconceitos de seitas, castas e nacionalidades.

Vosso dedicado irmão e amigo,

Allan Kardec

O Espiritismo é Provado por Milagres?

Um eclesiástico nos enviou a seguinte pergunta:

“Todos os que receberam de Deus a missão de ensinar a verdade aos homens provaram-na por meio de milagres. Por quais milagres provais a verdade de vosso ensinamento?”

Não é a primeira vez que dirigem essa pergunta, seja a nós, seja a outros espíritas. Parece que lhe emprestam grande importância e que de sua solução depende a sentença que deve condenar ou absolver o Espiritismo. Nesse caso forçoso é convir que é crítica nossa posição, pois nos assemelhamos a um pobre diabo que não dispõe de um centavo na algibeira e a quem é exigida a bolsa ou a vida. Assim, confessamos humildemente que não temos milagre, por menor que seja, a oferecer. Dizemos mais: o Espiritismo não se apóia em nenhum fato miraculoso; seus adeptos não fizeram, nem têm a pretensão de fazer, qualquer milagre; não se julgam suficientemente dignos para que, à sua voz, Deus mude a ordem eterna das coisas. O Espiritismo constata um fato material, o da manifestação das almas ou Espíritos. Tal fato é real? Sim ou não? Eis a questão. Ora, admitindo esse fato como verdadeiro nada há de miraculoso. Como as manifestações desse gênero, isto é, as visões, aparições e outras, ocorreram em todos os tempos – assim o atestam os historiadores sacros e profanos – aquelas de outrora passaram por sobrenaturais. Hoje, porém, que lhe conhecemos a causa e sabemos que são produzidas em virtude de certas leis, sabemos também que lhes falta o caráter essencial dos fatos miraculosos: o da exceção à lei comum.

Essas manifestações, atualmente observadas com mais cuidado do que na Antigüidade, sobretudo quando examinadas sem prevenções e com o auxílio de investigações tão minuciosas quanto as que são feitas nos estudos científicos, têm como consequência provar, de maneira irrecusável, a existência de um

princípio inteligente fora da matéria, sua sobrevivência ao corpo, sua individualidade depois da morte, sua imortalidade e seu futuro feliz ou desgraçado; por conseguinte, provar a base de todas as religiões.

Se a verdade só fosse provada por milagres, poderíamos perguntar por que os sacerdotes do Egito, que estavam em erro, reproduziam diante do Faraó os prodígios de Moisés? Por que Apolônio de Tiana, que era pagão, curava pelo toque, restituía a vista aos cegos, a palavra aos mudos, predizia os acontecimentos futuros e via o que se passava a distância? O próprio Cristo não disse: “Haverá falsos profetas que farão prodígios?”¹⁰. Um dos nossos amigos, depois de uma prece fervorosa a seu Espírito protetor, foi curado quase instantaneamente de uma moléstia muito grave e muito antiga, que havia resistido a todos os remédios. Para ele o fato foi realmente miraculoso, mas, como crê nos Espíritos, um padre a quem narrou o fato lhe disse que o diabo também pode fazer milagres. “Neste caso – objetou o amigo – se foi o diabo quem me curou, é a ele que devo agradecer.”

Assim, os prodígios e os milagres não são privilégio exclusivo da verdade, desde que o próprio diabo pode fazê-los. Como, então, distinguir os bons dos maus? Todas as religiões idólatras, sem excetuar a de Maomé, apóiam-se em fatos sobrenaturais. Isto prova que os fundadores dessas religiões conheciam segredos naturais, ignorados pelo vulgo. Aos olhos dos selvagens da América, Cristóvão Colombo não passava por um ser sobre-humano por haver predito um eclipse? Não poderia ter-se feito passar por um enviado de Deus? Para provar o seu poder, necessitaria Deus desfazer o que havia feito? Fazer mover para a direita o que deve girar para a esquerda? Provando o movimento da Terra pelas leis da Natureza, Galileu não estava mais certo do que os que pretendiam que, por uma derrogação dessas mesmas leis, ele precisara deter o Sol? Já sabemos o quanto lhe custou, a ele e a

10 N. do T.: Mateus, 24:24; Marcos, 13:22.

tantos outros, por haver demonstrado um erro. Dizemos que Deus é maior pela imutabilidade de suas leis que pela sua abrogação; e se lhe aprouve fazê-lo em determinadas circunstâncias, não é isto o único sinal da verdade. Pedimos ao leitor que se reporte ao que dissemos a respeito em nosso artigo do mês de janeiro, quando tratamos do *sobrenatural*. Voltemos às provas da verdade do Espiritismo.

Há duas coisas no Espiritismo: o fato da existência dos Espíritos e de suas manifestações, e a doutrina daí resultante. O primeiro ponto não pode ser posto em dúvida senão pelos que não viram ou não quiseram ver. Quanto ao segundo, a questão é de saber se essa doutrina é justa ou falsa. É uma questão de apreciação.

Se os Espíritos só manifestassem a sua presença por meio de ruídos, movimentos, ou seja, por movimentos físicos, isto não provaria grande coisa, pois não saberíamos se são bons ou maus. O que, sobretudo, é característico nesse fenômeno, o que é capaz de convencer os incrédulos, é poder reconhecer parentes e amigos entre os Espíritos. Mas como podem os Espíritos atestar a sua presença, a sua individualidade e permitir o julgamento de suas qualidades, senão falando? Sabe-se que a escrita pelos médiuns é um dos meios que eles empregam. Desde que têm um meio de exprimir suas idéias, podem dizer tudo o que querem; conforme o seu adiantamento, dirão coisas mais ou menos boas, justas e profundas. Deixando a Terra, não abdicaram do livre-arbítrio; como todos os seres pensantes têm suas opiniões; como entre os homens, os mais adiantados dão ensinamentos de alta moralidade, conselhos marcados pela mais profunda sabedoria. São esses ensinamentos e conselhos que, recolhidos e ordenados, constituem a Doutrina Espírita, ou dos Espíritos. Se quiserdes, considerai essa doutrina não como uma revelação divina, mas como a expressão de uma opinião pessoal de tal ou qual Espírito; a questão é saber se é boa ou má, justa ou falsa, racional ou ilógica. A quem recorrer para isto? Ao julgamento de um indivíduo? mesmo de alguns indivíduos?

Não; porque, dominados pelos preconceitos, pelos juízos antecipados ou pelos interesses pessoais, eles podem enganar-se. O único, o verdadeiro juiz é o público, porque aí não há interesse de camarilha, e porque nas massas há um bom-senso inato que não se engana. Diz a lógica sábia que a adoção de uma idéia, ou de um princípio, pela opinião geral é uma prova de que repousa sobre um fundo de verdade.

Os espíritas nunca dizem: “Eis uma Doutrina saída da boca do próprio Deus, revelada a um só homem por meios prodigiosos e que deve ser imposta ao gênero humano.” Ao contrário, dizem: “Eis uma doutrina que não é nossa e cujo mérito não reivindicamos. Adotamo-la porque a achamos racional. Atribuí-lhe a origem que quiserdes: de Deus, dos Espíritos, ou dos homens; examinai-a; se ela vos convier, adotai-a; caso contrário, ponde-a de lado.” Impossível ser menos absoluto. O Espiritismo, pois, não vem usurpar a religião; ele não se impõe; não vem forçar as consciências, quer dos católicos, quer dos protestantes ou dos judeus. Apresenta-se e diz: “Aceitai-me, se me achais bom.” É culpa dos espíritas se o acham bom? se nele encontram a solução do que em vão procuravam alhures? se dele extraímos consolações que nos tornam felizes, que dissipam os terrores do futuro, acalmam as angústias da dúvida e dão coragem para o presente? Ele não se dirige àqueles a quem bastam as crenças católicas, ou outras, mas àqueles aos quais elas não satisfazem completamente, ou que delas desertaram. Em vez de não crer mais em nada, ele os leva a crer em alguma coisa, e a crer com fervor. O Espiritismo não quer ser posto de lado: reconduz, pelos meios que lhe são próprios, os que se afastam. Se os repelirdes, eles serão forçados a ficar de fora. No íntimo da vossa alma e da vossa consciência, dizei se para eles seria preferível serem ateus.

Perguntam em que milagre nos apoiamos para julgarmos boa a Doutrina Espírita. Julgamo-la boa, não só porque é nossa opinião, mas também a de milhões de outros, que pensam

como nós; porque leva a crença àqueles que não acreditavam; porque torna boas as pessoas que eram más; porque dá coragem nas misérias da vida. O milagre? é a rapidez de sua propagação, inaudita nos fastos das doutrinas filosóficas; é ter feito em poucos anos a volta ao mundo e se haver implantado em todos os países e em todas as classes da sociedade; é ter progredido, a despeito de tudo quanto foi feito para detê-la; é ter derrubado as barreiras que lhe opõem e encontrar um acréscimo de força nessas mesmas barreiras. É isto o caráter de uma utopia? Uma idéia falsa pode encontrar alguns partidários, mas não terá senão uma existência efêmera e circunscrita; perde terreno em vez de o conquistar, ao passo que o Espiritismo ganha, em vez de perder. Quando o vemos germinar em toda parte, acolhido como um benefício da Providência, é porque lá está o dedo da Providência. Eis o verdadeiro milagre, e o julgamos suficiente para garantir o seu futuro. Direis que aos vossos olhos ele não tem um caráter providencial, mas um caráter diabólico. Sois livres de ter essa opinião; o essencial é que ele marche. Apenas diremos que se uma coisa se estabelecesse universalmente pelo poder do demônio, e malgrado os esforços dos que dizem agir em nome de Deus, isto poderia levar certas pessoas a crer que o demônio é mais poderoso que a Providência. Pedis milagres! Eis um que nos envia um dos nossos correspondentes da Argélia:

“O Sr. P..., antigo oficial, era um dos mais rudes incrédulos; tinha o fanatismo da falta de religião e, antes de Proudhon, já dizia: *Deus é o mal*; em outras palavras, não admitia nenhum Deus e só reconhecia o nada. Quando o vi em busca do vosso *O Livro dos Espíritos*, imaginei que ele fosse coroar a sua leitura com alguma elucubração satírica, como era costume seu fazer contra os padres e, até, contra o Cristo. Não me parecia possível que um ateísmo tão inveterado pudesse ser curado algum dia e, no entanto, *O Livro dos Espíritos* fez esse milagre. Se conhecêsseis aquele homem como eu conheço, ficaríeis orgulhoso de vossa obra e encararíeis o fato como o vosso maior sucesso.

Aqui todos se admiram. Entretanto, quando se é iniciado na palavra da verdade, não há de que se surpreender, naturalmente após a reflexão.”

Não faz mal acrescentar que o nosso correspondente é um jornalista que, ele também, professava opiniões muito pouco espiritualistas e, menos ainda, espíritas. Teriam ido pegá-lo à força para lhe impor a crença em Deus e na alma? Não; não é provável que ele se prestasse a isso. Fascinaram-no à vista de alguns fenômenos prodigiosos? Também não, porquanto ele nada viu como manifestações; apenas leu, compreendeu, encontrou raciocínios lógicos e acreditou. Direis que esta e tantas outras obras sejam obra do diabo? Se assim é, o diabo tem uma estranha política de dar armas contra si mesmo e é muito inábil deixando escapar os que ele mantinha em suas garras. Por que não fizestes esse milagre? Sereis, então, menos fortes que o diabo para fazer crer em Deus? Outra questão, por favor. Enquanto era ateu e blasfemador, aquele senhor estava danado para a eternidade? – Sem nenhuma dúvida. – Agora que, em vossa opinião, ele foi convertido a Deus por intermédio do demônio, ainda é danado? Suponhamos que, crendo em Deus, em sua alma e na vida futura feliz ou infeliz ele se torne, em virtude dessa crença, melhor do que era e não adote inteiramente ao pé da letra a interpretação de todos os dogmas; que, até mesmo, repila alguns deles: ainda é danado? Se disserdes: “sim”, a crença em Deus para nada lhe serve; se disserdes “não”, em que se torna a máxima *“Fora da Igreja não há salvação?”* Diz o Espiritismo: *“Fora da caridade não há salvação”*. Credes que aquele senhor vacilará entre as duas? Uma o queima, a outra o salva; a escolha não parece duvidosa.

Tais idéias, como toda idéia nova, contrariam certas pessoas, certos hábitos e, mesmo, certos interesses, como as estradas de ferro contrariaram os alugadores de cavalos de posta e os que tinham medo; como uma revolução contraria certas opiniões; como a imprensa contrariou os copistas; como o

Cristianismo contrariou os sacerdotes pagãos. Mas, que fazer quando uma coisa se estabelece, queiramos ou não, por sua própria força e é aceita pela generalidade? Forçoso é tomar seu partido e, como Maomé, dizer que o que é deve ser. Que faríeis se o Espiritismo se tornasse crença universal? Repeliríeis todos os que o admitem? Direis que isto não acontecerá, que tal fato é impossível. Mas... o que faríeis se isto acontecesse?

Pode-se deter esse impulso? Para isso seria preciso deter não um homem, mas os Espíritos, e impedi-los de falar; queimar não um livro, mas as idéias; impedir que os médiuns escrevam e se multipliquem.

Um dos nossos correspondentes nos escreveu, de uma cidade do Departamento do Tarn: “Nosso cura faz a propaganda por nós; do púlpito lança impropérios contra o Espiritismo que, diz ele, não passa de obra do demônio. Quase que me apontou como o sumo-sacerdote da doutrina em nossa cidade, o que agradeço do fundo do coração, pois assim ele me fornece ocasião para falar do assunto com aqueles que ainda não o conhecem e que me abordam para saber o que é. Hoje os médiuns abundam entre nós.” O resultado é idêntico em toda parte onde quiseram gritar contra. Atualmente a idéia espírita está lançada; é acolhida porque agrada; vai do palácio à choupana e se pode julgar do efeito das tentativas futuras pelas que têm sido feitas para o sufocar.

Em resumo, para se estabelecer, o Espiritismo não reivindica a ação de nenhum milagre; não quer mudar em nada a ordem das coisas; procurou e encontrou a causa de certos fenômenos, indevidamente reputados de sobrenaturais; em vez de apoiar-se no sobrenatural, o repudia por conta própria; dirige-se ao coração e à razão. A lógica lhe abriu o caminho; a lógica o conduzirá a porto seguro.

Isto é uma antecipação da resposta que devemos à brochura do cura Marouzeau.

Deixemos agora que falem os Espíritos. Apresentada a questão acima, eis algumas das respostas obtidas, por meio de diferentes médiuns:

“Venho falar-vos da realidade da Doutrina Espírita e contrapô-la aos milagres, cuja ausência parece servir de arma aos seus detratores. Necessários nos primeiros tempos da Humanidade, com vistas a chocar os Espíritos que importava submeter, quase todos os milagres são hoje explicados pelas descobertas das ciências físicas e de outras ciências, tornando-se inúteis agora e até perigosos, pois suas manifestações só despertarão a incredulidade ou a zombaria. Enfim chegou o reino da inteligência, não ainda na sua expressão triunfante, mas nas suas tendências. Que quereis? Ver novamente as varinhas transformadas em serpentes, os enfermos se erguerem e os pães se multiplicarem? Não; não vereis isto. Mas vereis os incrédulos se enternecerem e dobrarem os joelhos enrijecidos diante do altar. Este milagre vale bem o da água a brotar do rochedo. Vereis o homem desolado, vergando ao peso da desgraça, deixar de lado a pistola carregada, exclamar: ‘Meu Deus, sede bendito, porque a vossa vontade eleva minhas provas ao nível do amor que vos devo.’ Enfim, por toda parte, vós que bateis os fatos com os textos e o espírito com a letra, vereis a luminosa verdade estabelecer-se sobre as ruínas dos vossos mistérios apodrecidos.”

Lázaro (Médium: Sra. Costel)

“Numa de minhas últimas meditações, se não me engano lida aqui, demonstrei que a Humanidade está progredindo atualmente. Até o Cristo ela tinha um corpo; era por certo esplêndida; tinha tido esforços heróicos e virtudes sublimes; Mas, onde estava a sua ternura, a sua mansuetude? Haveria a respeito muitos exemplos na Antigüidade. Abri um poema antigo: onde a mansidão? Onde a ternura? Encontrareis a sua expansão no poema, já quase inteiramente cristão, da Dido de Vergílio, espécie

de heroína melancólica que Tasso ou Ariosto teriam tornado interessante nos seus cantos cheios de alegria cristã.

“Cristo veio, pois, falar ao coração da Humanidade. Mas, como sabeis, o próprio Cristo disse que tinha vindo em carne no meio do paganismo e prometeu vir no meio do Cristianismo. Há no indivíduo a educação do coração, como há a da inteligência. O mesmo se dá com a Humanidade. Assim, o Cristo é o grande educador. Sua ressurreição é o símbolo de sua fusão espiritual em todos; e esta fusão, esta expansão dele mesmo, apenas começais a sentir. O Cristo não vem mais fazer milagres; vem falar ao coração diretamente, em vez de falar aos sentidos. Passava adiante dos que pediam um milagre no céu e alguns passos à frente improvisava o seu magnífico sermão da montanha. Aos que ainda pedem milagres, o Cristo responde por todos os Espíritos sábios e esclarecidos: Credes mais nos vossos olhos, nos vossos ouvidos, nas vossas mãos que no vosso coração? Minhas chagas atualmente estão fechadas; o Cordeiro foi sacrificado; a carne arruinada; o materialismo viu; agora é a vez do Espírito. Deixo os falsos profetas; não me apresento ante os poderosos da Terra, como Simão, o mágico, mas vou aos que realmente têm sede, fome e sofrem no coração, e não aos que são espiritualistas apenas como verdadeiros e puros materialistas.”

Lamennais (Médium: Sr. A. Didier)

“Perguntam-nos quais os milagres que fazemos. Parece-me que de alguns anos a esta parte as provas são bem evidentes. O progresso do espírito humano mudou a face do mundo civilizado; tudo progrediu, e os que quiseram ficar na retaguarda desse movimento são como os párias das sociedades novas.

“Tal como hoje se acha preparada para os acontecimentos, que falta à sociedade, senão tudo quanto choca a razão e a esclarece? É possível que em certas épocas tenha Deus

querido comunicar-se por inteligências superiores, como Moisés e outros. Desses grandes homens datam as grandes épocas, mas o espírito dos povos progrediu depois. As grandes figuras dos predestinados enviados por Deus lembravam uma lenda miraculosa; depois um fato, muitas vezes simples em si mesmo, torna-se maravilhoso ante a multidão impressionável e preparada para emoções que só a Natureza sabe oferecer a seus filhos ignorantes.

“Mas hoje necessitais de milagres? – Tudo se transformou à vossa volta; a Ciência, a filosofia, a indústria desenvolveram tudo quanto vos cerca, e pensais que nós, os Espíritos, não tenhamos participado de nenhum modo dessas modificações profundas? – Estudando, comentando, aprendeis e meditais melhor; os milagres não são mais do vosso tempo e deveis elevar-vos acima dos preconceitos que vos ficaram na memória, como tradições. Nós vos daremos a verdade e sempre o nosso concurso. Nos vós esclareceremos, a fim de vos tornardes melhores e fortes; crede e amai e o milagre procurado haverá de produzir-se em vós. Conhecendo e compreendendo melhor o objetivo desta vida, sereis transformados sem fenomenologia física.

“Procurais apalpar, tocar a verdade, e ela vos cerca e vos penetra. Sede, pois, confiantes em vossas próprias forças e o Deus de bondade que vos dava o espírito tornará tremenda a vossa força. Por ele afastareis as nuvens que obscurecem a vossa inteligência e compreenderéis que o Espírito é todo imortalidade, todo poder. Postos em relação com esta lei de Deus chamada progresso, não mais procurareis, no prestígio dos grandes nomes, que são como mitos da Antigüidade, uma resposta e um escolho contra o Espiritismo, que é a revelação verdadeira, a fé, a ciência nova que consola e fortifica.”

“Para provar a verdade da Doutrina Espírita, pedem milagres. E quem reclama esta prova da verdade? Aquele que deveria ser o primeiro a crer e a ensinar...

“O maior dos milagres vai operar-se em breve. Padres do catolicismo, escutai; quereis milagres e ei-los que se operam... A cruz do Cristo desabava sob os golpes do materialismo, da indiferença e do egoísmo; ei-la que se levanta, bela e resplandecente, sustentada pelo Espiritismo! Dizei-me se não é o maior dos milagres uma cruz que se reergue, tendo em cada braço a Esperança e a Caridade? – Em verdade, padres da Igreja, crede e vede: os milagres vos rodeiam!... Como chamais essa volta comum à crença casta e pura do Evangelho, já que todas as filosofias haverão de ligar-se ao Espiritismo? o Espiritismo será a glória e o facho que iluminará o Universo inteiro. Oh! então o milagre será manifesto e retumbante, pois na Terra não haverá senão uma só e mesma família. Quereis milagres! Vede essa pobre mulher sofredora e sem pão. Como tiritita na sua mansarda; o hálito com que pretende aquecer dois filhinhos que morrem de fome é mais frio e mais glacial que o vento a se precipitar em seu tugúrio miserável. Por que, então, tanta calma e serenidade no semblante, diante de tanta miséria? Ah! é que ela viu brilhar uma estrela ardente acima de sua cabeça; a luz celeste espalha-se no seu refúgio; não chora mais: espera! Não amaldiçoa mais: apenas pede a Deus que lhe dê coragem para suportar a prova!... E eis que as portas da mansarda se abrem e a Caridade vem aí depositar aquilo que a sua mão benfeitora pode espalhar!...

“Que doutrina dará mais sentimento e entusiasmo ao coração? O Cristianismo plantou o estandarte da igualdade na Terra e o Espiritismo empunha o da fraternidade!... Eis o mais celeste e o mais divino dos milagres que se pode produzir!... Padres, cujas mãos por vezes são manchadas pelo sacrilégio, não peçais milagres físicos, pois as vossas fronte poderão esfacelar-se contra a pedra que pisais para subir ao altar!...

“Não, o Espiritismo não se prende a fenômenos físicos, nem se apóia em milagres que falam aos olhos, mas dá fé ao coração. Dizei-me: não consistirá nisto o seu maior milagre?...”

Santo Agostinho (Médium: Sr. Véry)

Nota – Evidentemente isto não se aplica senão aos padres que conspiraram o santuário, como Verger e outros.

O Vento

FÁBULA ESPÍRITA

Quanto maior a repercussão da crítica,
tanto maior bem poderá fazer, ao chamar a
atenção dos indiferentes. (*Allan Kardec*)

Queria o vendaval reinar sobre a planície
Em seu impulso impetuoso,
E atormentava toda a superfície,
Até um secular olmo enorme e nodoso.
Dos fecundos ramais – dizia ele – a semente
Podia a terra encher, germinar e crescer;
Previmos uma luta, e aguardamos pra ver
Que impedimento houvesse ao meu poder ingente.
E aos verdes penachos pequenos
Os seus golpes desfolhavam;
Em rápidos bulhões vão-se nos ares plenos
Os grãos que, entretanto, escapavam
Ao sopro que se esforça em seus vôos levar,
E ao solo porém vão parar.
Ah! Contra as leis do Amor e da Sabedoria,
Diante do Espiritismo, árvore da verdade,
O vento da incredulidade
Sopra e ulula em vão, dia a dia.
Faz nascer e crescer o que julga oprimir:
E o ajuda a semear... nunca ao bom germe delir.

C. Dombre (de Marmande)

A Reencarnação na América

Muitas vezes as pessoas se admiram de que a doutrina da reencarnação não tenha sido ensinada na América, e os incrédulos não deixam de aproveitar o fato para acusarem os Espíritos de contradição. Não repetiremos aqui as explicações que nos foram dadas e que publicamos a respeito, limitando-nos a lembrar que nisto os Espíritos mostraram a sua prudência habitual; quiseram que o Espiritismo surgisse num país de liberdade absoluta, quanto à emissão de opiniões. O ponto essencial era a adoção do princípio e para isto não quiseram ser incomodados de maneira alguma. O mesmo não haveria de dar-se com todas as suas conseqüências, sobretudo com a reencarnação, que se teria chocado contra os preconceitos da escravidão e da cor. A idéia de que um negro pudesse tornar-se um branco; de que um branco poderia ter sido um negro; de que um senhor tivesse sido um escravo poderia parecer de tal forma monstruosa que seria suficiente para que o resto fosse rejeitado. Assim, os Espíritos preferiram sacrificar momentaneamente o acessório ao principal e sempre nos disseram que, mais tarde, a unidade se faria sobre este como sobre todos os outros pontos. De fato, é o que começa a ocorrer. Várias pessoas daquele país nos disseram que agora essa doutrina conta ali numerosos partidários; que certos Espíritos, depois de fazer com que fosse pressentida, vêm confirmá-la. Eis o que a respeito nos escreveu de Montreal (Canadá), o Sr. Fleury Lacroix, natural dos Estados Unidos.

“(…) A questão da reencarnação, da qual fostes o primeiro promotor *visível*, aqui nos tomou de surpresa. Hoje, porém, estamos reconciliados com ela, com esse filho do vosso pensamento. Tudo se tornou compreensível por esta nova claridade e agora a estrada eterna se nos descortina um pouco mais longe. Entretanto, isto nos parecia absurdo, como dizíamos no começo; mas se hoje negamos, amanhã acreditamos – eis a

Humanidade. Felizes os que querem saber, porque a luz se fará para eles; infelizes os outros, porquanto permanecerão nas trevas.”

Assim, foi a lógica e a força do raciocínio que os levou a essa doutrina; e, também, porque nela encontraram a única chave que poderia resolver problemas até então insolúveis. Todavia, o nosso honrado correspondente equivooca-se quanto a um fato importante, ao atribuir-nos a iniciativa desta doutrina, que chama de filho do nosso pensamento. É uma honra que não nos pertence: além de ser ensinada a nós, a reencarnação foi ensinada pelos Espíritos a outros indivíduos, antes da publicação de *O Livro dos Espíritos*. Além disso, seu princípio foi claramente exposto em várias obras anteriores, não apenas nas nossas e até nas que surgiram antes do aparecimento das mesas girantes; entre outras em *Céu e Terra*, de Jean Raynaud, e num encantador livrinho do Sr. Louis Jourdan, intitulado *Preces de Ludovico*, publicado em 1849, sem contar que esse dogma era professado pelos druidas, aos quais, por certo, nós não ensinamos¹¹. Quando ele nos foi revelado ficamos surpresos e o acolhemos com reserva e desconfiança; chegamos mesmo a combatê-lo durante algum tempo, até que sua evidência nos fosse demonstrada. Assim, nós o *aceitamos* e não o *inventamos*, o que é bem diferente.

Isto responde à objeção de um de nossos assinantes, o Sr. Salgues (de Angers), antagonista confesso da reencarnação, o qual pretende que os Espíritos e os médiuns que a ensinam sofrem a nossa influência, pois aqueles que com ele se comunicam dizem o contrário. Aliás, o Sr. Salgues alega contra a reencarnação objeções especiais, das quais faremos, oportunamente, objeto de exame particular. Enquanto esperamos, constatamos um fato: o número de seus partidários cresce sem cessar, enquanto o dos adversários diminui. Se tal resultado se deve à nossa influência, atribuam-nos uma muito grande, visto que ela se estende da

11 Vide a *Revista Espírita* de abril de 1858, *O Espiritismo entre os druidas*; artigo que contém as Trádes.

Europa à América, da Ásia à África e até à Oceania. Se a opinião contrária é a verdadeira, como se explica que não tenha prevalecido? Seria o erro, então, mais poderoso que a verdade?

Novos Médiuns Americanos em Paris

No que respeita às manifestações físicas, por certo os médiuns americanos suplantam em número e em força os do velho continente. A propósito, a sua reputação está de tal forma estabelecida, principalmente depois do Sr. Home, que só o título parece prometer prodígios. Para muita gente, o Sr. Squire não era designado senão como o médium americano. Um charlatão, que alguns anos atrás percorria cidades e feiras para dar representações, fazia-se passar por médium americano, embora fosse perfeitamente francês. Eis que nos chegam dois novos, que de médium só têm o nome, e dos quais jamais teríamos falado, porquanto sua *arte* é estranha ao nosso assunto, se a sua chegada, anunciada com tanto estardalhaço, não tivesse causado uma certa sensação, pela natureza de suas pretensões. Para a edificação de nossos leitores, e para não sermos acusados de parcialidade, transcrevemos textualmente os seus prospectos, de que Paris acaba de ser inundada.

“Divertimentos dos salões parisienses. – Novidade, nada senão novidade!!! – Saraus para as famílias e reuniões privadas, dadas pelos *Médiuns Americanos*, Sr. *C. Eddwards Girroodd*, de Kingstown (Lago Ontário), Alto Canadá, e Sra. *Júlia Girroodd*, apelidada pela imprensa inglesa e americana a *Graciosa Sensitiva*.

“Um álbum de mais de duzentas páginas, cada uma das quais é uma carta de felicitações, assinada pelos maiores nomes da França, tanto da nobreza, da magistratura, do exército, da literatura, quanto por dezesseis arcebispos e bispos da França e por um grande número de eclesiásticos de alta distinção, encontra-se à disposição das pessoas que, querendo dar um sarau, desejassem previamente assegurar-se do bom-gosto, da riqueza e da novidade de suas experiências.

“O Sr. e a Sra. Girroodd, os únicos na França a fazer experiências, ainda não passaram três meses em Paris e já deram quarenta e duas sessões nos principais salões da capital, nas Tulherias (12 de maio de 1861), e na residência de vários membros da família imperial.

“Colocaram imediatamente suas *experiências* muito acima de tudo que até hoje tinha sido visto como recreação de saraus.

“Ao contrário do costume dos senhores físicos, sua prestidigitação não exige o menor preparativo ou arranjo particular e os artistas operam facilmente em meio de um círculo de espectadores atentos, sem temer um só minuto ver destruir a ilusão.

“Os *prestígios* não passam de insignificante parte de seus variados talentos. O Mundo dos Espíritos obedece às suas vozes: *Visões – Êxtase – Fascinação – Magnetismo – Eletrobiologia – Espíritos batedores – Espiritualismo*, etc., etc., tudo quanto a ciência e o charlatanismo inventaram, que assombra os crédulos de nossos dias, até lhes dar uma fé robusta em tudo quanto não passa de hábil malabarismo, onde a gente é comparsa sem o saber. Numa palavra, o Sr. e a Sra. *Girroodd*, depois de se terem mostrado como feiticeiros – mas feiticeiros de fino trato – sábios como *Merlin* o Encantador, demonstrarão, se necessário, os segredos de sua ciência.

“A fé cristã só terá a ganhar ao ver claramente que tudo quanto ela não ensinou não passa de brilhante charlatanismo.

“Para as pequenas reuniões ou saraus para crianças, o Sr. Girroodd contratou, para todo o inverno, um dos mais *hábeis físicos* da capital e um *ventríloquo* cognominado *O Homem das Bonecas Falantes*, que darão sessões a preços reduzidos.”

Como se vê, esse senhor e essa senhora têm, nada mais, nada menos, a pretensão de matar o Espiritismo, e se fazem passar como defensores da *fé cristã*, sem dúvida muito surpreendida de encontrar na prestidigitação um auxiliar. Isto, porém, parece aumentar uma certa clientela.

Eles se dizem *médiuns* e não se preocupam em omitir o título de *americanos*, passaporte indispensável, como os nomes em *i* para os músicos, e isto para provar que não existem médiuns, pois,

segundo dizem, podem reproduzir, auxiliados pela habilidade, pela mecânica e por meios que lhes são particulares, tudo quanto fazem os médiuns. Isto prova uma coisa: tudo pode ser imitado. A ilusão é uma questão de habilidade. Mas porque uma coisa pode ser imitada, deve-se concluir que não existe? A prestidigitação imitou, a ponto de enganar, a lucidez sonambúlica; deve-se por isso deduzir que não haja sonâmbulos? Fizeram cópias de Rafael tão perfeitas que foram tomadas como originais; isto significa que Rafael não teria existido? O Sr. Robert-Houdin transforma a água em vinho e faz sair, de um chapéu não preparado, milhares de objetos, capazes de encher uma caixa grande. Isto prejudica os milagres das Bodas de Caná e a multiplicação dos pães? Entretanto, ele faz ainda melhor, pois, de uma só garrafa, faz sair meia dúzia de licores diferentes e deliciosos.

Todas as manifestações físicas se prestam maravilhosamente à imitação e, por isso, são exploradas pelo charlatanismo. Os charlatães ultrapassam de longe os Espíritos, sobretudo nos casos de *transportes*, pois os produzem à vontade e no momento certo, o que não é conseguido nem pelos Espíritos, nem pelos melhores médiuns. Aliás, é preciso fazer justiça àquele cavalheiro e àquela dama, por não procurarem absolutamente enganar o público. Não se fazem passar pelo que não são e se apresentam claramente como hábeis imitadores, no que são mais respeitáveis do que aqueles que falsamente se dizem médiuns; e o são mesmo, muito mais que os verdadeiros médiuns que, para produzirem mais efeitos e suplantar seus concorrentes, acrescentam o subterfúgio à realidade. É verdade que a franqueza muitas vezes é uma boa política; passar por vulgares prestidigitadores já está bem gasto, mas querer provar que os médiuns são escamoteadores é um atrativo de novidade que os curiosos pagarão generosamente.

Como dissemos, sua habilidade nada prejudica contra a realidade dos fenômenos; longe de os prejudicar, será de grande

utilidade. Antes de tudo, é uma trombeta a mais que chamará a atenção e fará pensar no Espiritismo as pessoas que dele não tinham ouvido falar. Como em todas as críticas, quererão ver o pró e o contra. Ora, o resultado da comparação não deixa margem a dúvidas. Uma utilidade ainda maior é a de prevenir contra a possibilidade de fraude e subterfúgios dos falsos médiuns. Provando a possibilidade da imitação, sua credibilidade pode ser arruinada. Se tal habilidade pudesse causar algum mal, seria à confiança que neles depositam, talvez um pouco levemente, e nos prodígios que certos médiuns obtêm com tanta *facilidade* do outro lado do Atlântico, pois não está dito que o Sr. e a Sra. Girroodd tenham o privilégio de seus segredos. Se um dia nos for dado assistir a uma de suas sessões, teremos prazer em relatá-la, para instrução de nossos leitores.

Quando dizemos que tudo pode ser imitado, devemos excetuar as condições verdadeiramente normais em que se podem produzir as manifestações espíritas. Daí poder-se dizer que todo fenômeno que se afasta dessas condições deve ser considerado suspeito. Ora, para julgar sensatamente uma coisa, é necessário tê-la estudado. As próprias manifestações inteligentes não estão a salvo do charlatanismo. Umas há que, por sua natureza e pelas circunstâncias em que são obtidas, desafiam a mais consumada habilidade de imitação, por exemplo, a evocação de pessoas mortas, revelando verdadeiras particularidades de sua existência, desconhecidas do médium e dos assistentes e, melhor ainda, essas dissertações de muitas páginas, escritas de um jacto, sem rasuras, com rapidez, eloqüência, correção, profundidade, erudição e sublimidade de pensamentos, sobre assuntos dados, fora dos conhecimentos e da capacidade do médium, e que este nem mesmo compreende. Para executar tais habilidades seria necessário um gênio universal. Ora, os gênios universais são raros e, aliás, não dão espetáculos. Entretanto, é o que se vê todos os dias, não por *um indivíduo privilegiado*, mas por milhares de indivíduos de todas as idades, sexos, condição social e grau de instrução, cuja

honorabilidade e desinteresse absoluto são a melhor garantia de sinceridade, porquanto o charlatanismo não dá nada de graça. Se o Sr. e a Sra. Girroodd quisessem aceitar uma luta seria neste terreno que os chamaríamos, deixando-lhes com muito gosto o das manifestações físicas.

Nota – Uma pessoa que se diz bem informada assegura-nos que *Edwards Girroodd* deve traduzir-se por Edouard Girod, e *Kingstown, lago Ontário e Alto Canadá*, por *Saint-Flour, Cantal*.

Subscrição em Favor dos Operários Lioneses

A Sociedade Espírita de Paris não podia esquecer seus irmãos de Lyon na sua aflição. Desde novembro apressou-se em subscrever 260 francos numa loteria beneficente organizada por vários grupos desta cidade. Mas o Espiritismo não é exclusivo; para ele todos os homens são irmãos e se devem mútuo apoio, sem acepção de crença. Querendo, pois, dar seu óbolo à obra comum, abriu na sede da Sociedade – 59, Rua e Passagem Sant’Ana – uma subscrição cujo produto será depositado na caixa da subscrição geral do jornal *Siècle*.

Uma carta de Lyon, dirigida ao Sr. Allan Kardec, informa que um espírita anônimo acaba de enviar, diretamente e para tal fim, uma soma de 500 francos. Que esse generoso benfeitor, cujo incógnito respeitamos, receba aqui o agradecimento de todos os membros da Sociedade.

Um Espírito que se faz conhecer sob o nome característico e gracioso de *Cárta*, e cuja missão parece ser a de estimular a beneficência em socorro do infortúnio, houve por bem ditar a respeito a epístola que se segue e que nos foi enviada de Lyon. Como nós, os leitores certamente a colocarão no número das mais encantadoras produções de além-túmulo. Possa ela despertar

a simpatia de todos os espíritas por seus irmãos sofredores! Todas as comunicações de *Cárita* são marcadas pelo mesmo sinete de bondade e de simplicidade. Evocada na Sociedade de Paris, disse ter sido Santa Irene, imperatriz¹².

AOS ESPÍRITAS PARIENSES QUE ENVIARAM 500 FRANCO PARA OS POBRES DE LYON, OBRIGADA!

“Obrigada a vós, cujo coração generoso soube compreender nosso apelo, e que viestes em auxílio de vossos irmãos infelizes. Obrigada! Vossa oferenda vai cicatrizar muitas feridas, anestesiar muitas dores. Obrigada, pois soubestes adivinhar que com esse fruto de ouro que enviastes a fome será momentaneamente apaziguada e as lazeiras, apagadas durante muito tempo, voltarão a ser aquecidas.

“Obrigada, sobretudo pela delicada atenção com que soubestes disfarçar vossa boa ação sob o manto do anonimato. Mas se ocultastes o generoso pensamento de serdes úteis aos vossos semelhantes, como a violeta se oculta sob a folhagem, há um juiz, um senhor para o qual vossos corações não têm segredos e que sabe de onde partiu esse orvalho beneficente que veio refrescar mais de uma frente abrasadora, expulsando a miséria tão temida pelas pobres mães de família. Deus, que tudo vê, conhece o segredo do anônimo e se encarregará de recompensar os que tiveram a inspiração de socorrer as pobres vítimas de circunstâncias independentes de sua vontade. Deus, meus amigos, gosta deste incenso de vossos corações que, sabendo partilhar as dores alheias, também sabe como se pratica a caridade. Ele aprecia principalmente esse devotamento e essa abnegação que se esquia ante um agradecimento pomposo, preferindo abrigar a sua modéstia sob simples iniciais. Mas ele ligou, a todas as bênçãos que o vosso socorro fará nascer, o nome do benfeitor, porquanto,

12 **N. do T.:** Trata-se da mesma entidade espiritual que ditou as mensagens inseridas por Kardec nos itens 13 e 14, capítulo XIII, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, a propósito da caridade.

como bem o sabeis, esses transportes de alegria experimentados pelos corações socorridos sobem para Deus; e como ele vê que esses eflúvios, partidos da gratidão, são o resultado dos vossos benefícios, anota, no grande livro do espírito generoso que os fez nascer, a recompensa que lhe cabe.

“Se vos fosse dado ouvir essas doces emoções, essas tímidas demonstrações de simpatia que deixam escapar os infelizes à vista da mais insignificante moeda, maná celeste caído na sua pobre mansarda; se fosse dado presenciar os gritos infantis do pequenino que compreende que o pão está assegurado por alguns dias, seríeis muito felizes e diríeis: ‘A caridade é doce e vale a pena ser praticada.’ É que, como podeis ver, pouca coisa é necessária para transformar lágrimas em alegria, sobretudo em casa de trabalhador que não está habituado a ver a felicidade visitá-lo com tanta freqüência. Se essa pobre formiga que recolhe, migalha a migalha, o pão diário encontrar em seu caminho um pão inteiro, justamente no momento em que perdia a esperança de dar à família o alimento cotidiano, então essa fortuna inesperada lhe parecerá tão incompreensível que, não encontrando expressões para demonstrar a sua felicidade, deixará escapar algumas palavras isoladas, às quais se seguem lágrimas de enternecimento. Socorrei, pois, os pobres, meus amigos, esses operários que só têm como última esperança a morte num asilo qualquer ou a mendicidade num canto de rua.

Socorrei-os tanto quanto puderdes, a fim de que, quando Deus vos reunir, seguindo a extensa avenida que conduz ao imenso portal, em cujo frontispício estão gravadas as palavras *Amor e Caridade*, possa Deus, reunindo os benfeitores e beneficiados, dizer a todos vós: Soubestes dar; fostes felizes em receber. Vamos, entrai! Que a caridade que vos guiou vos introduza neste mundo radioso que reservo aos que têm como divisa ‘Amai-vos uns aos outros’.”

Observação – A quem farão acreditar que o demônio ditou tais palavras? Em todo o caso, se é o demônio que impele à caridade, nós jamais correremos risco em fazê-la.

Ensinos e Dissertações Espíritas

A FÉ, A ESPERANÇA E A CARIDADE

(Bordeaux. Médium: Sra. Cazemajoux)

A FÉ

Sou a irmã mais velha da Esperança e da Caridade; chamo-me Fé.

Sou grande e forte. Aquele que me possui não teme nem o ferro, nem o fogo: é à prova de todos os sofrimentos físicos e morais. Irradio sobre vós com um facho cujos jatos cintilantes se refletem no fundo de vossos corações e vos comunico a força da vida. Dizem, entre vós, que transporto montanhas; eu, porém, vos digo: Venho erguer o mundo, porquanto o Espiritismo é a alavanca que me deve auxiliar. Uni-vos a mim; venho convidar-vos: sou a Fé.

Sou a Fé! Moro com a Esperança, a Caridade e o Amor no mundo dos Espíritos Puros. Muitas vezes deixei as regiões sublimadas e vim à Terra para vos regenerar, dando-vos a vida do Espírito. Mas, excetuando os mártires dos primeiros tempos do Cristianismo e, de vez em quando, alguns fervorosos sacrifícios ao progresso da ciência, das letras, da indústria e da liberdade, só encontrei entre os homens indiferença e frieza, retomando tristemente o meu vôo para o céu. Julgais-me em vosso meio, mas vos enganais, porque a Fé sem obras é um simulacro de Fé. A verdadeira Fé é vida e ação.

Antes da revelação espírita a vida era estéril; era uma árvore que, ressequida pelos raios, não produzia nenhum fruto.

Reconhecem-me por meus atos: ilumino as inteligências, aqueço e fortaleço os corações; afasto para longe de vós as influências enganosas e vos conduzo a Deus pela perfeição do espírito e do coração. Vinde abrigar-vos sob a minha bandeira; sou poderosa e forte: eu sou a Fé.

Sou a Fé e o meu reino começa entre os homens; reino pacífico, que os tornará felizes no presente e na eternidade. A aurora do meu advento entre vós é pura e serena; seu sol será resplandecente e seu crepúsculo virá docemente embalar a Humanidade nos braços de eternas felicidades. Espiritismo! derrama sobre os homens o teu batismo regenerador. Eu lhes faço um apelo supremo: eu sou a Fé.

*Georges,
Bispo de Périgueux*

A ESPERANÇA

Meu nome é esperança. Sorrio à vossa entrada na vida; sigo-vos passo a passo e não vos deixo senão nos mundos onde para vós se realizam as promessas de felicidade, incessantemente murmuradas aos vossos ouvidos. Sou vossa fiel amiga; não repilais minhas inspirações: eu sou a Esperança.

Sou eu que canto pela voz do rouxinol e que faço ecoar nas florestas essas notas lamentosas e cadenciadas que vos fazem sonhar com o céu; sou eu que inspiro à andorinha o desejo de aquecer os seus amores no abrigo de vossas moradas; brinco na brisa ligeira que acaricia os vossos cabelos; espalho aos vossos pés o suave perfume das flores dos vossos jardins, e quão pouco pensais nessa amiga que vos é tão devotada! Não a repilais: é a Esperança.

Tomo todas as formas para me aproximar de vós. Sou a estrela que brilha no azul; o cálido raio de sol que vos vivifica;

emballo as vossas noites com sonhos alegres; expulso para longe as negras preocupações e os pensamentos sombrios; guio os vossos passos para a senda da virtude; acompanho-vos nas visitas aos pobres, aos aflitos, aos moribundos e vos inspiro palavras afetuosas, que consolam. Não me repilais: eu sou a Esperança!

Eu sou a esperança! Sou eu que, no inverno, faço crescer na casca dos carvalhos o musgo espesso com que os passarinhos constroem seus ninhos; sou eu que, na primavera, corôo a macieira e a amendoeira de flores brancas e rosas e as espalho sobre a terra como uma juncada celeste, que faz aspirar aos mundos felizes; sobretudo estou convosco quando sois pobres e sofredores; minha voz ressoa incessantemente aos vossos ouvidos. Não me repilais: eu sou a Esperança.

Não me repilais, porque o anjo do desespero me faz uma guerra obstinada e se consome em vãos esforços para tomar o meu lugar junto de vós. Nem sempre sou a mais forte e, quando ele consegue me afastar, vos envolve com as suas fúnebres asas, desvia os vossos pensamentos de Deus e vos arrasta ao suicídio. Uni-vos a mim para afastar sua funesta influência e vos deixai embalar docemente em meus braços, porque eu sou a Esperança.

*Felicia,
Filha do médium*

A CARIDADE

Eu sou a Caridade. Em nada me assemelho à caridade cujas práticas seguis. Aquela que entre vós usurpou o meu nome é fantasista, caprichosa, exclusiva, orgulhosa; venho vos prevenir contra os defeitos que, aos olhos de Deus, diminuem o mérito e o brilho de suas boas ações. Sede dóceis às lições que o Espírito de Verdade vos dá por minha voz. Segui-me, meus fiéis: eu sou a Caridade.

Segui-me. Conheço todos os infortúnios, todas as dores, todos os sofrimentos, todas as aflições que assediam a Humanidade. Sou a mãe dos órfãos, a filha dos idosos, a protetora e sustentáculo das viúvas; penso as chagas infectadas; curo todas as doenças; dou roupas, pão e um abrigo aos que não os têm; subo às mais miseráveis águas-furtadas, às mais humildes mansardas; bato à porta dos ricos e poderosos, porque, onde quer que viva uma criatura humana, sempre existirá, sob a máscara da felicidade, as mais amargas e acerbadas dores. Oh! quão grande é a minha tarefa! Não poderei cumpri-la se não vierdes em meu auxílio. Vinde a mim: eu sou a Caridade.

Não tenho preferência por ninguém. Jamais digo aos que necessitam de mim: “Tenho os meus pobres; procurai alhures.” Oh! falsa caridade, quantos males provocas! Amigos, nós nos devemos a todos. Crede-me: não recuseis vossa assistência a ninguém; socorrei-vos uns aos outros com bastante desinteresse para não exigir nenhum reconhecimento de parte dos que tiverdes socorrido. A paz do coração e da consciência é a doce recompensa de minhas obras: eu sou a verdadeira Caridade.

Ninguém conhece na Terra o número e a natureza de meus benefícios. Só a falsa caridade fere e humilha aqueles a quem alivia. Acautelai-vos contra esse funesto desvio; as ações desse gênero não têm nenhum mérito perante Deus e atraem sobre vós a sua cólera. Só Ele deve saber e conhecer os generosos impulsos de vossos corações quando vos tornais os dispensadores de seus benefícios. Guardai-vos, pois, amigos, de dar publicidade à prática da assistência mútua; não mais lhe deis o nome de esmola. Crede em mim: eu sou a Caridade.

Tenho tantos infortúnios a aliviar que muitas vezes fico com o colo e as mãos vazios; venho dizer-vos que espero em vós.

O Espiritismo tem por divisa *Amor e Caridade*; e todos os verdadeiros espíritas quererão, no futuro, conformar-se a esse sublime preceito pregado pelo Cristo há dezoito séculos. Segui-me, pois, irmãos; eu vos conduzirei ao reino de Deus, nosso pai. Eu sou a Caridade.

*Adolfo,
Bispo de Argel*

**INSTRUÇÕES DADAS POR NOSSOS GUIAS A RESPEITO
DAS TRÊS COMUNICAÇÕES ACIMA**

Meus caros amigos, deveis ter imaginado que um de nós havia dado os ensinamentos sobre a fé, a esperança e a caridade, e tivestes razão.

Felizes por ver Espíritos tão elevados vos dar, com tanta freqüência, conselhos que vos devem guiar em vossos trabalhos espirituais, não menos doce e pura é a nossa alegria, quando vimos ajudar a tarefa do vosso apostolado espírita.

Podeis, pois, atribuir ao Espírito *Georges* a comunicação sobre a Fé; a da Esperança a *Felícia*: aí encontrareis o estilo poético que tinha durante sua vida; e a da Caridade a *Dupuch*, bispo de Argel, que na Terra foi um de seus fervorosos apóstolos.

Ainda teremos de tratar da caridade sob outro ponto de vista. Fá-lo-emos dentro de alguns dias.

Vossos Guias

**ESQUECIMENTO DAS INJÚRIAS
(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sra. Costel)**

Minha filha, o esquecimento das injúrias é a perfeição da alma, como o perdão das feridas feitas à verdade é a perfeição do Espírito. A Jesus foi mais fácil perdoar os ultrajes de sua Paixão do que o último de vós perdoar uma leve zombaria. A grande alma

do Salvador, habituada à doçura, não concebia amargura nem vingança; as nossas, atingidas por coisas insignificantes, esquecem o que é grande. Diariamente os homens imploram o perdão de Deus, que desce sobre eles como orvalho benfazejo; mas seus corações esquecem essa palavra sem cessar repetida na prece. Em verdade vos digo: o fel interior corrompe a alma; é a pedra volumosa que a fixa ao solo e retarda a sua elevação. Quando fordes repreendidos, entrai em vós mesmos; examinai vosso pecado interior, aquele que o mundo ignora; medi a sua profundidade e curai a vossa vaidade pelo conhecimento de vossa miséria. Se, mais grave, a ofensa atingir o coração, lamentai o infeliz que a cometeu, como lamentais o ferido cuja chaga, aberta, deixa escorrer o sangue; a piedade é devida àquele que aniquila seu ser futuro. No Jardim das Oliveiras Jesus conheceu a dor humana, mas sempre ignorou as amarguras do orgulho e a pequenez da vaidade; foi encarnado para mostrar aos homens o protótipo da beleza moral que lhes devia servir de modelo: não vos afasteis jamais. Modelai as vossas almas como a cera mole e fazei que a vossa argila transformada se torne um mármore imperecível, em que Deus, o grande escultor, possa inscrever o seu nome.

Lázaro

SOBRE OS INSTINTOS

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sra. Costel)

Ensinar-te-ei o verdadeiro conhecimento do bem e do mal, que o espírito confunde com tanta freqüência. O mal é a revolta dos instintos contra a consciência, esse tato interior e delicado, que é o tato moral. Quais os limites que o separam do bem, que ele contorna por toda parte? O mal não é complexo: é uno e emana do ser primitivo, que quer a satisfação do instinto à custa do dever. O instinto, primitivamente destinado a desenvolver no *homem animal* o cuidado de sua conservação e de seu bem-estar, é a única origem do mal, porque, persistindo mais

violento e mais severo em certas naturezas, ele as impele a se apoderarem do que desejam ou a concentrar o que possuem. O instinto, a que os animais obedecem cegamente, e que é a sua própria virtude, deve ser incessantemente combatido pelo homem que quer elevar-se e substituir o grosseiro utensílio da necessidade pelas armas finamente buriladas da inteligência. Entretanto, haverás de convir que nem sempre o instinto é mau, devendo-lhe a Humanidade, não raras vezes, sublimes inspirações, como na maternidade e em certos atos de abnegação, nos quais substitui a reflexão com presteza e segurança. Minha filha, tua objeção é precisamente a causa do erro em que caem os homens, prontos a desconhecem a verdade, sempre absoluta nas suas conseqüências. Sejam quais forem os resultados de uma causa má, os exemplos jamais devem levar a concluir contra as premissas estabelecidas pela razão. O instinto é mau porque é puramente humano e a Humanidade não deve pensar senão em se despojar, em deixar a carne para elevar-se ao Espírito. E se o mal caminha ao lado do bem, é que o seu princípio muitas vezes tem resultados opostos a si mesmo, e que o fazem desconhecer o homem leviano e arrastado pela sensação. Nada de verdadeiramente bom pode emanar do instinto: um impulso sublime não é devotamento, assim como uma inspiração isolada não é gênio. O verdadeiro progresso da Humanidade é sua luta e seu triunfo contra a essência mesma de seu ser. Jesus foi enviado à Terra para o provar humanamente. Pôs a descoberto a verdade, bela fonte escondida na areia da ignorância. Não perturbeis mais a limpidez da linfa divina pelos compostos do erro. E, crede, os homens que não são bons e devotados senão instintivamente, o são mal, porque sofrem uma cega dominação que, de repente, pode precipitá-los no abismo.

Observação – Apesar do nosso respeito pelo Espírito Lázaro, que nos tem brindado com tantas e tão belas dissertações, permitimo-nos discordar de sua opinião no que concerne às últimas proposições. Pode-se dizer que há dois tipos de instinto: o instinto animal e o instinto moral. O primeiro, como diz muito bem Lázaro, é orgânico; é dado aos seres vivos para a sua conservação, bem como a de sua progênie; é cego e quase inconsciente, porque a Providência quis dar um contrapeso à sua indiferença e à sua negligência. Já não é assim com o instinto moral, que é privilégio do homem e que pode ser assim definido: *Propensão inata para fazer o bem ou o mal*. Ora, essa propensão se prende ao estado de maior ou menor avanço do Espírito. O homem, cujo Espírito já é depurado, faz o bem sem premeditação e como algo muito natural; daí por que se admira de ser louvado. Assim, não é justo dizer que “os homens que não são bons e devotados senão instintivamente, o são mal, porque sofrem uma cega dominação que, de repente, pode precipitá-los no abismo.” Os que instintivamente são bons e devotados denotam um progresso realizado; nos que o são intencionalmente, o progresso está por se realizar, razão por que há trabalho e luta entre os dois sentimentos. No primeiro, a dificuldade está vencida; no segundo, é preciso vencê-la. O primeiro é como o homem que sabe ler, e lê sem dificuldade, quase sem perceber; o segundo é como o que soletra. Porque um chegou mais tarde, terá menos mérito que o outro?

Meditações Filosóficas e Religiosas Ditadas pelo Espírito Lamennais

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sr. A. Didier)

A CRUZ

Em meio às revoluções humanas, em meio a todos os distúrbios, a todos as irrupções do pensamento, eleva-se uma cruz

alta e simples, fixada num altar de pedra. Um juvenzinho esculpido na pedra tem nas mãos uma bandeirola, sobre a qual se lê esta palavra: *Simplicitas*. Filantropos, filósofos, deístas e poetas: vinde ler e contemplar essa palavra; é todo o Evangelho, toda a explicação do Cristianismo. Filantropos, não inventeis a filantropia: não existe senão a caridade; filósofos, não inventeis uma sabedoria: só há uma; deístas, não inventeis um Deus: só existe um; poetas, não perturbeis o coração do homem. Filantropos, quereis quebrar as cadeias materiais que mantêm cativa a Humanidade; filósofos, elevais Panteões; poetas, idealizais o fanatismo. Para trás! Sois deste mundo, e o Cristo disse: “Meu reino não é deste mundo.” Oh! sois por demais deste mundo de lama, para compreenderdes estas sublimes palavras; e se algum juiz bastante poderoso vos disser: “Sois filhos de Deus?” vossa vontade morreria no fundo da garganta e não podereis responder como o Cristo, em face da Humanidade: “Vós o dissestes.” – “Vós todos sois deuses”, disse o Cristo, quando a língua de fogo desce sobre as vossas cabeças e penetra os vossos corações; sois todos deuses, quando percorreis a Terra em nome da caridade; mas sois filhos do mundo quando contemplais os sofrimentos atuais da Humanidade e não pensais em seu futuro divino. Homem! que aquela palavra seja lida por teu coração e não por teus olhos de carne. O Cristo não erigiu um Panteão: ergueu uma cruz.

BEM-AVENTURADOS OS POBRES DE ESPÍRITO

As diversas ações meritórias do Espírito após a morte são principalmente as do coração, mais que as da inteligência. Bem-aventurados os pobres de espírito não quer apenas dizer bem-aventurados os imbecis, mas também os que, cumulados de dons intelectuais, não o empregaram para o mal, pois é uma arma muito poderosa para arrastar as massas. Entretanto, como dizia ultimamente Gérard de Nerval¹³, a inteligência desconhecida na

13 Alusão a uma comunicação de Gérard de Nerval.

Terra terá grande mérito perante Deus. Com efeito, o homem poderoso em inteligência, lutando contra todas as circunstâncias infelizes que o vêm assaltar, deve regozijar-se com estas palavras: “Os primeiros serão os últimos, e os últimos serão os primeiros”, o que não deve ser entendido unicamente na ordem material, mas, também, nas manifestações do Espírito e nas obras da inteligência humana. As qualidades do coração são meritórias, porque as circunstâncias que as podem impedir são muito pequenas, muito raras, muito fúteis. A caridade deve brilhar por toda parte, apesar de tudo, para todos, como o Sol brilha para todo o mundo. O homem pode impedir que a inteligência de seu próximo se manifeste, mas não dispõe de nenhum poder sobre o coração. As lutas contra a adversidade, as angústias da dor podem paralisar os impulsos do gênio, mas são incapazes de neutralizar os da caridade.

A ESCRAVIDÃO

Escravidão! Quando se pronuncia este nome, o coração sente frio, porque vê à sua frente o egoísmo e o orgulho. Quando um padre vos fala de escravidão, está se referindo à escravidão da alma, que avilta o Espírito do homem e o faz esquecer a sua consciência, isto é, sua liberdade. Oh! sim, esta escravidão da alma é horrível e diariamente excita a eloquência de mais de um pregador. Mas a escravidão do hilota, a escravidão do negro, que se torna aos seus olhos? Diante desta questão o sacerdote mostra a cruz e diz: “Esperai!” Com efeito, para esses infelizes, é a consolação a oferecer, e ela lhes diz: “Quando o vosso corpo for dilacerado pelo chicote até a morte, não penseis mais na Terra; pensai no Céu.”

Tocamos aqui uma dessas questões graves e terríveis que transtornam a alma humana e a precipitam na incerteza. Estará o negro à altura dos povos da Europa, e a prudência humana, ou, antes, a justiça humana deverá mostrar-lhe a

emancipação como o meio mais seguro de alcançar o progresso da civilização? Nesta questão os filantropos apresentam o Evangelho e dizem: Jesus falou de escravos? Não; mas Jesus falou da resignação e disse estas sublimes palavras: “Meu reino não é deste mundo.” John Brown, quando contemplo o teu cadáver na forca, sinto-me tomado de profunda piedade e de apaixonada admiração; mas a razão, esta brutal razão que incessantemente nos faz buscar os *porquês*, leva-nos a nos perguntar a nós mesmos: “Que teríeis feito depois da vitória?”

Allan Kardec

